

Educadores contestam modelo de ensino proposto por Piaget

NOVA YORK — Pensar não é como respirar, ou seja, não ocorre naturalmente, concordam os educadores. Os pensamentos surgem de forma espontânea, mas a habilidade de organizá-los, explicá-los e defendê-los depende de aprendizado, como andar de bicicleta. No começo é difícil, rodinhas de apoio e um paciente ajudante se fazem necessários. Mas uma vez assimilada a técnica, o aluno tem condições de se libertar e ir sozinho para onde desejar. A compreensão desse mecanismo está levando os educadores a ensinar, já no jardim da infância, os alunos a aprender a pensar. "Piaget pregava que as crianças não são capazes de raciocinar de forma abstrata e por isso devíamos esperar até o momento em que estivessem prontas para esse aprendizado", afirma Matthew Liphman, fundador e diretor do Instituto para o Avanço da Filosofia para Crianças de New Jersey. "Esse modo de pensar resultou em duas gerações de crianças privadas de capacidade cognitiva", conclui Liphman.

A filosofia foi a base utilizada pelo educador para escrever uma série de livros destinados a alunos do pré-primário ao colegial, com a função de incentivar a discussão e exploração de idéias filosóficas. Liphman utiliza um sujeito abstrato para ensinar as crianças a pensar e não a simplesmente memorizar. O método, explica o educador, funciona como uma injeção de auto-estima aplicada nos alunos. "Perceber que são ouvidas porque despertam interesse é uma experiência inebriante para as crianças", compara Liphman.

Mas o que realmente significa pensar? A maior parte dos teóricos passa mais tempo explicando o que não pode ser definido como pensar. "Não é uma coleção de pequenas habilidades", diz Lauren Resnick, professora de Psicologia e diretora do Centro de Ensino, Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade de Pittsburgh. "A definição não é simples. Trata-se de um processo imprevisível." Os educadores são unânimes em concordar que o pensamento crítico, o criativo e o raciocínio pertencem à família do pensamento de ordem superior. Mas a definição para esse tipo de pensamento também é vaga.

"Em termos de desenvolvimento, o pensamento de ordem superior significa coisas

diferentes em idades diferentes", resume Daniel Keating, professor de Educação no Instituto Ontario para Estudos Educacionais, em Toronto. Para uma criança de cinco anos, exemplifica, pode significar brincar com objetos de tamanhos diversos até descobrir a altura em que podem ser empilhados antes de desmoronar. Para um aluno de nível secundário, a resposta pode estar em definir que tipo de informação é necessária para compreender sistemas de macroeconomia.

"Só agora começamos a nos dar conta de que as pessoas saem das universidades sem aprender como sintetizar grandes quantidades de informação", afirma Shari Castle, coordenadora de pesquisa e desenvolvimento do Centro para Inovação, integrante da Associação Nacional de Educação — a maior organização de professores dos Estados Unidos. "Para os educadores, isso significa que é preciso fugir dos caminhos preestabelecidos de aprendizado", adverte.

Transgredir essas normas,

no entanto, não é fácil nem para os professores nem para os alunos. "Os docentes têm de abrir mão de algumas regras de controle em sala de aula e permitir aos estudantes expor suas próprias idéias", diz Robert Sternberg, professor da Universidade de Yale. "Os professores também precisam mudar a forma de ensinar. É preciso perceber que apresentar os fatos para os alunos não é suficiente", acrescenta.

Para os estudantes, pensar é sinônimo de sair da inércia ou do aprendizado passivo. "Esta sociedade lhes dá comida na boca e não os encoraja a reverter esse processo", acredita Sternberg. "Não existe criança com preguiça intelectual. Existe criança com falta de estímulo", define Perry Halkitis, professor da Escola Elementar Hunter, uma instituição pública de Nova York para alunos considerados intelectualmente acima da média. "Se você faz as perguntas certas, as crianças correspondem. A função da escola é ajudar a puxar esse tipo de informação dos alunos", afirma Halkitis.



Piaget: acusado de criar gerações carentes em cognição